

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Elcilene Aparecida Pinto

**EJA E MEMÓRIA- PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NO ENSINO DA
CULTURA AFRO BRASILEIRA**

Belo Horizonte
2019

Elcilene Aparecida Pinto

**EJA E MEMÓRIA - PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NO ENSINO DA
CULTURA AFRO BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Prof.^a Debora Mariz

Belo Horizonte
2019

Pinto, Elcilene Aparecida

EJA E MEMÓRIA: Práticas interdisciplinares no ensino da cultura afro brasileira. [manuscrito] / Elcilene Aparecida Pinto . - 2019.

50 p.: il.

Orientadora: Debora Mariz.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Formação de Educadores Para a Educação Básica - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

1.O ensino da cultura afro-brasileira na EJA. 2.. A memória como elemento interdisciplinar na EJA. 3.A ludicidade na EJA. 4.Existência, Resistência e Caminhos da EJA em Belo Horizonte. I. Mariz, Débora. II Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO VIGÉSIMO NONO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “EJA E MEMÓRIA: práticas interdisciplinares no ensino da cultura afro brasileira”, do(a) aluno(a) Elcilene Aparecida Pinto. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Débora Mariz (orientador) e Franz Galvão Piragibe. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 8,2 conceito 0. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Elcilene Aparecida Pinto Registro na UFMG: 2018750725
Elcilene Aparecida Pinto

Débora Mariz
Débora Mariz
Professor(a) Orientador(a)

Franz Galvão Piragibe
Franz Galvão Piragibe
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

RESUMO

Este trabalho monográfico tem por finalidade analisar a contribuição do Jogo “Rotas de Histórias” - Um encontro precioso com a EJA, como instrumento de aprendizagem e como prática interdisciplinar no ensino da cultura afro-brasileira. O jogo tem como princípio a ludicidade como forma de estimular a memória e o desenvolvimento cognitivo de forma a promover a aprendizagem dos múltiplos sujeitos pertencentes à Educação de Jovens e Adultos. O jogo “Rotas de Histórias” foi concebido como instrumento concreto, como metodologia inovadora por levar a ludicidade para o espaço da EJA com o objetivo de propiciar o estudo da cultura afro-brasileira de forma a favorecer a construção da identidade dos sujeitos da EJA, a formação para a cidadania e enfrentamento do racismo. Esse estudo fundamentou-se no pensamento de Paulo Freire, nas contribuições de Ivan Izquierdo acerca da memória, nos estudos da cultura afro-brasileira e nas contribuições de Uizinga sobre os jogos como instrumentos de aprendizagem significativa. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. O jogo “Rotas de Histórias” foi construído e aplicado pela própria pesquisadora. O resultado desse trabalho aponta que conteúdos que dialogam com a realidade dos estudantes têm contribuído, significativamente, na emancipação desses sujeitos. Concluiu-se que a obrigatoriedade do estudo da cultura afro-brasileira conforme estabelecida na Lei nº 10.639/2003, bem como na Lei nº 9394/96 deve ser legitimada e efetivada por políticas públicas e, o jogo “Rotas de Histórias” pode contribuir para o estudo da cultura afro-brasileira no espaço escolar atribuindo a ela, o reconhecimento que lhe é devido.

Palavras-chave: Instrumento de Aprendizagem; Memória; Cultura Afro-brasileira; Educação de Jovens e Adultos.

AGRADECIMENTOS

Visto que essa monografia é um resultado de sonhos, de caminhos, de resistência da vida real, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram com a realização desse trabalho.

Aos meus familiares que, diante de tanta correria, entenderam e estavam a meu lado trazendo o acolhimento necessário.

Deixo aqui, meus agradecimentos à Escola Padre Edeimar Massote, em especial ao grupo da EJA que participou de cada etapa desse projeto de pesquisa: diretora, vice-diretora, coordenadoras, profissionais que atuam na EJA, professores, auxiliares de serviços e aos meus estudantes que abraçaram essa “causa” com bastante atuação e também aos companheiros do Programa Escola Aberta, de resistência, de movimento em prol de justiça social e direito a vida, agradeço por abraçar esse projeto como militância de todos nós. Em especial, agradeço a Jorcelina da Conceição Marcelino e Tiago Henrique de Freitas.

Às profissionais Sheila Fernanda e Ivanete Cristina Araújo Rombaut que exerceram a escuta das minhas “escritas” ao longo das produções do trabalho.

À inesquecível Maria Luiza Barbosa que sonhou e acreditou que um dia eu poderia dar continuidade aos meus estudos.

Sou eternamente grata às amigas Ana Paula Fernandes Prata Guimarães, Carolina Santos Gessner de Castro, Helen Cristina Vilaça, Mariana Guimarães Costa Arruda e Natália Novaes que permitiram que eu dividisse com elas, minhas frustrações, erros, acertos, superações e sonhos ao longo da execução desse trabalho, recebendo “escuta”, amor, amizade e ajuda para cada parte aqui apresentada.

À turma da EJA/LASEB/2019. Cada um com sua especificidade dando força uns aos outros.

Agradeço, com profundidade, a querida professora e orientadora, Débora Mariz por ter sido companheira na realização desse trabalho, pelo acolhimento e pelas considerações brilhantes que contribuíram para enriquecer o meu trabalho.

Dedico este trabalho a meus filhos João e Maria que, mesmo tão pequenos, souberam entender os intermináveis momentos de trabalhos acadêmicos, me aparando com o amor real. À minha irmã linda, Elcione, que orou e com fé me confortou quando a esperança ficava distante por tantos obstáculos nessa caminhada. A Leandro, companheiro que soube ser parceiro para com tudo que eu necessitasse para estar presente, ficar tranquila e o relaxamento necessário e assim seguir com essa formação continuada e na produção desse trabalho. À minha mãe que se tivesse aqui estaria em estado de graça, como fico com essa oportunidade de ser estudante da grande Universidade Federal do Estado de Minas Gerais. Aos estudantes da EJA da EMPEM que são da resistência e abraçaram esse aprendizado. E, por fim, aos diversos sujeitos do “mundo “que lutam contra o racismo.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACPP	Análise Crítica da Prática Pedagógica
ALFA1	Alfabetização 1
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMPEM	Escola Municipal Padre Edeimar Massote
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LASEB	Curso de Especialização Lato Sensu em Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MCP	Memória de Curto Prazo
MLP	Memória de Longo Prazo
SMED	Secretaria Municipal de Educação
UEMG	Universidade Estadual do Estado de Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	12
2.1 Descrição da escola	12
2.2 Perfil da turma	13
2.3 Organização e planejamento	14
2.4 Aplicação dos questionários e análise	14
2.5 Construção do jogo cooperativo “Rota de Histórias”	17
2.6 Intervenção e avaliação	24
3. ANÁLISE DO PLANO DE AÇÃO	29
3.1 Enfim, o que é educação?	29
3.2 Existência, Resistência e caminhos da EJA em Belo Horizonte	32
3.3 A memória como elemento interdisciplinar na EJA	33
3.4 A ludicidade na EJA.....	35
3.5 O ensino da cultura afro-brasileira na EJA.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	45

"Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos (...) É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar."

Paulo Freire

1. INTRODUÇÃO

Eu me chamo Elcilene Aparecida Pinto, nasci em Belo Horizonte e resido nesta cidade. Minha vida escolar foi tecida em instituições públicas. Sou mãe do João Gabriel dos Santos Brasileiro e da Maria Luíza Aparecida dos Santos Brasileiro, crianças negras que me movem para estar na luta contra o racismo.

São muitos os fatos que me marcaram nessa trajetória enquanto estudante de escola pública, poucos deles positivos e muitos, deixaram marcas profundas da exclusão e sofrimento. A escola não me transmitia entusiasmo e foram poucos os professores que desenvolveram práticas que fizeram a diferença. Era uma relação distante e vazia. Talvez resida nessa experiência, um dos maiores motivos para, posteriormente, eu ter como campo de atuação, ou seja, tentar fazer diferença na vida das pessoas por meio da Educação. Tive grandes dificuldades de aprendizagem e nas relações interpessoais. O movimento estudantil despertou meu interesse pela escola e, fazer parte do grêmio, foi algo prazeroso. Percebi que já estava dentro de mim, o interesse pelas questões sociais. Trabalhava durante o dia e estudava a noite. Era muito cansativo!

Ao entrar para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação do Estado de Minas Gerais (UEMG), o significado de escola mudou para mim. Lá foi local de encontros e oportunidades. Mudanças de paradigmas, mudanças de perspectivas e até de sonhos, antes somente no campo das possibilidades e daí em diante passou a ser de mobilização.

Atuo em duas redes de ensino no município belo horizontino. No turno da manhã, trabalho no Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais - Unidade Gameleira como regente de uma turma do 5º ano do ensino fundamental. No turno da tarde, trabalho na Escola Municipal Padre Edeimar Massote como apoio de coordenação e, no turno da noite, trabalho na mesma escola e atuo na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como professora.

São três anos de trajetória na EJA, infelizmente, sempre como dobra¹. A prefeitura de Belo Horizonte, não faz nomeação para EJA, as entradas para atuar como docente nessa modalidade de educação ocorre por transferências, por continuidade - quem já atua em EJA em outras escolas e por 'dobra'

E assim, abro caminhos para as tentativas de me tornar uma educadora de enfrentamento e da resistência e faço presente a fala de Freire (2006), “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém morre educador ou é marcado para ser

¹ Dobra: extensão de jornada, não é um segundo cargo e sim um aumento da carga horária para atuação na EJA.

educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (p.58). Sigo a caminhada, tentando sempre o aprimoramento do “Ser Educadora”.

1.1 Proposta de Ação

Os números do analfabetismo no Brasil mostram que há muito a ser feito. Segundo dados do IBGE (2018), existem quase 12 milhões de analfabetos no Brasil, isso significa um atraso na educação brasileira. Segundo dados do IBGE (2018), até 2060, a população com 80 anos ou mais deve somar 19 milhões de pessoas. Considerado um país jovem por muitos anos, o Brasil passa a ter de enfrentar o aumento da expectativa de vida e os desafios de ter uma população idosa que quer viver mais e melhor² e assim o Brasil tem o desafio de garantir um envelhecimento populacional com qualidade para essa população.

Cada dia as informações são transmitidas em velocidades estrondosamente rápidas. Tudo o que acontece e se espalha rapidamente. As pessoas têm acesso às informações e por isso é fundamental que interpretem e tenham domínio do mundo escolarizado para não serem manipuladas e oprimidas. Como tão bem observou Freire, (1987),

a prática bancária, implicando no imobilismo se faz reacionária, enquanto a concepção problematizadora que, não aceitando um presente ‘bem-comportado, não aceita igualmente um futuro pré-dato, enraizando-se no presente dinâmico, se faz revolucionária. (FREIRE, 1987, p. 42)

A fala de Paulo Freire propicia a reflexão de um dos desafios em efetivar uma educação significativa e transformadora para a Educação de Jovens e Adultos. Desse modo, torna-se necessário a pesquisa, ou seja, a investigação para a aquisição de conhecimentos que amplie as ideias sobre a educação de jovens e adultos.

Um dos fatores que dificultam a aprendizagem, principalmente, do estudante idoso da EJA são as dificuldades na retenção de determinado conteúdo. Muitos desses conteúdos são determinantes para o processo didático e estão dispostos em uma sequência didática sistematizada para a escolarização. É comum na sala de aula, estudantes idosos lembrarem com requinte de detalhes dos acontecimentos da fase da infância e dificuldade de lembrar alguns acontecimentos da “semana passa”. É clara a necessidade de um instrumento que auxilie a mente humana na aquisição, retenção de informações e ativação da memória. E para a juventude

²SOARES, Verônica. Envelhecimento populacional demanda novas políticas públicas. Belo Horizonte. 2016. <http://minasfazciencia.com.br/2018/03/06/envelhecimento-populacional-e-politicas-publicas/>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

que está presente na EJA, o desafio é garantir uma escola inovadora, sem preconceito, com práticas de ensino interessantes a ponto de auxiliar a permanência desses sujeitos na escolar.

No início do ano letivo, as turmas estão “cheias” e no decorrer do ano vão esvaziando. São inúmeras as causas desse fenômeno, mas, dentre elas a que me inquieta é o sentimento de incapacidades que alguns estudantes trazem dentro de si.

Diante disso, reflito sobre a importância da adoção de práticas pedagógicas diferenciadas e significativas na Educação de Jovens e Adultos e, assim, germinou essa proposta de pesquisa que auxiliará na produção de um projeto de ação com a finalidade da construção concreta de um instrumento de aprendizagem.

1.1 Objetivos da pesquisa

1.1.1 Objetivo Geral

A proposta desse trabalho foi construir um jogo denominado “Rotas de História” com o propósito de dialogar para os estímulos da memória e da ludicidade e com o resgate da história afro-brasileira.

1.1.1 Objetivos Específicos

- Contribuir para a abordagem da aprendizagem significativa que aborde os diversos temas transformadores para o educando da EJA, utilizando os recursos das trocas de experiências;
- Favorecer o uso da memória ativa e destacar o papel da memória no processo de aprendizagem;
- Estimular o conhecimento da história afro-brasileira.

Para tanto, esse trabalho foi embasado no pensamento de Paulo Freire, as contribuições de Ivan Izquierdo acerca da memória, nos estudos da cultura afro-brasileira e nas contribuições de Uizinga sobre os jogos como instrumentos de aprendizagem significativa.

Na fundamentação teórica, foram apresentados os desafios da Educação de Jovens e Adultos: o analfabetismo, a ativação e o esquecimento da memória como mecanismo de aprendizagem com a pretensão de investigar a importância do jogo na educação de jovens e adultos, tendo como temática o ensino da cultura afro-brasileira.

2. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Após muitas reflexões sobre as diversas demandas da EJA e a escolha da temática para esse trabalho, foi incorporado um questionário para que os sujeitos que são envolvidos com a EJA pudessem ser “ouvidos”. Dar importância para quem está na escola nos diversos ambientes e funções colaborativas que se entrelaçam. Seja na prática do docente com a mediação do conhecimento ou motivação dos educandos, nos trabalhos prestados pelos profissionais da secretária, biblioteca e auxiliares de serviços e pela atuação dos próprios estudantes Educação de Jovens e Adultos.

A escola escolhida para a realização da pesquisa foi a Escola Municipal Padre Edeimar Massote. A escolha por essa unidade de ensino se deu pelo fato da escola oferecer a EJA no horário noturno. O roteiro utilizado para a coleta de dados para a pesquisa buscou identificar algumas características dos múltiplos sujeitos e a partir de então, foi possível fazer inferências e considerações importantes para essa temática. O questionário foi composto por perguntas abertas e fechadas e elaborado relatório após a intervenção realizada.

2.1 Descrição da escola

A Escola Municipal Padre Edeimar Massote (EMPEM) situada à Rua Eneida, 1485, bairro Coqueiros, na região noroeste de Belo Horizonte, era antes uma escola particular, fundada em 31 de março de 1964, chamada “Colégio das Palmeiras”. Em 1982 a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte alugou o prédio e, posteriormente, comprou a propriedade, com o objetivo de suprir uma carência, na região, de vagas no Ensino fundamental.

Nos primeiros anos, a EMPEM repetia em sua proposta pedagógica a mesma situação existente no cenário nacional como a reprovação a cada ano escolar. Através do seu diretor, indicado como cargo de confiança do poder público, reproduzia-se com firmeza os valores da disciplina. No plano pedagógico, a aprovação era o objetivo final da aprendizagem, não se questionando a forma e o conteúdo lecionado.

No ano de 1989, foram realizadas as primeiras eleições diretas para diretor das escolas da rede de ensino de Belo Horizonte e o mesmo ocorreu com a EMPEM. Alguns professores da Escola Municipal Padre Edeimar Massote, se dispuseram a desenvolver ações junto à comunidade escolar que visavam promover a participação, a conscientização e o interesse pelas questões escolares assim como as questões sociais mais amplas da sociedade brasileira.

Um Projeto Político Pedagógico coletivo começa a ser experimentado com debates e conversas sobre os reais objetivos da escola e o processo educacional adotado até o momento.

Nos anos de 1983, 1984 e 1985, períodos de intensas manifestações dos movimentos sociais pela democracia e pelas “Diretas já”, a escola sofria uma tensão permanente. No período de 1986 a 1989, a EMPEM vivenciou o processo de eleição do colegiado. Por parte dos estudantes do terceiro turno há uma tentativa de organização para efetivar movimentos estudantis na escola e, em 1994, é efetivado o Grêmio estudantil. Até o ano de 2005, a escola ofertava o terceiro ciclo do ensino fundamental, no turno da manhã e no terceiro turno ainda não era no noturno, uma parte do fim da tarde com início da noite. Em 2006, a Educação de Jovens e Adultos passa a ser ofertada na escola, à noite. Também há a entrada da Educação Infantil e, de forma processual, a entrada das turmas que compõem o primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental. Assim, foi sendo construída a EMPEM que, atualmente, atende todos os ciclos do ensino regulamentado do fundamental.

2.2 Perfil da Turma

A turma Alfabetização 01 (Alfa 01) é composta por jovens e adultos. São vinte e dois estudantes no total. Há existência da diversidade em vários aspectos, cor, sexo, idade, classe social e trajetórias de vida. Também há alunos com deficiências. Desses estudantes, dez são do gênero feminino e oito do gênero masculino. Nessa turma, as idades variam de 15 a mais de 50 anos, sendo o grupo com maior representatividade, os maiores de 50 anos.

As experiências de vida mostram violações de direitos e injustiças sociais vivenciadas por pela maioria dos alunos. Nem todos são trabalhadores, alguns jovens em busca do primeiro emprego e, entre eles, alguns com a trajetória marcada por evasão escolar. E o grupo dos idosos é formado por aposentados, trabalhadores autônomos que veem na escola a oportunidade de uma mudança de vida.

Diversos foram os motivos que despertaram o interesse dos alunos pelo retorno à vida escolar. Da mesma forma, são variados os motivos que os levaram a se matricularem na escola. Alguns querem a sobrevivência na vida, querem trabalhar e acreditam que a escola é o lugar para adquirir conhecimentos de sobrevivência e assim terem uma recolocação no mercado de trabalho. Outros pretendem ter uma participação ativa na comunidade e das atividades da igreja.

2.3 Organização e planejamento

A ideia da ação de “ouvir” o coletivo da escola se fez ao “pensar” que mesmo alguém da cantina, secretaria ou qualquer outro departamento da escola tem a responsabilidade de contribuir com uma educação de qualidade na EJA. É importante que os estudantes sejam ouvidos sobre as diversas opiniões das práticas educacionais na qual são submetidos. O questionário aplicado para os estudantes foi diferente do elaborado e aplicado para os professores e funcionários da escola.

O questionário para o grupo de professores e funcionários foi composto por dez perguntas abertas e fechadas (ANEXO 1). O questionário aplicado aos estudantes foi composto quinze perguntas (ANEXO 2). Também foi aplicado um questionário para avaliação do jogo “Rotas de Histórias” após sua aplicação com a turma (ANEXO 3).

A organização, em um primeiro momento, ocorreu com a aplicação do questionário e, posteriormente, procedeu à análise dos questionários, como busca do entendimento da necessidade de intervenção (plano de ação) para a turma escolhida e para a escola.

2.4 Aplicação do questionário e análise

A aplicação do questionário ocorreu em dezembro do ano de 2018. No período, três professores que naquele momento trabalhavam na EJA, dezoito estudantes frequentes na ocasião e cinco profissionais prestadores de serviços diversos na EJA responderam aos questionários.

A grade curricular na Escola Municipal Padre Edeimar Massote dedica a aulas geminadas para a turma de Alfabetização 01 (inicial). Com isso houve facilidade para a aplicação do questionário para os alunos, assim como para os professores e demais profissionais da EJA. Os estudantes aproveitaram para a prática da oralidade e algumas reflexões sobre a EJA foram realizadas nesse momento e o que cada um espera da EJA foi o Norte para o diálogo.

Para o entendimento do perfil dos estudantes entrevistados e pertencentes a turma de trabalho para essa pesquisa foi produzida o quadro 01 na qual, nessa amostragem inclui o público da EJA na questão da diversidade assim como a trajetória escolar e profissional. Essa turma tem as idades bem variadas assim como a escolaridade que muitos, durante a vida frequentou pouco a escola. Mostra também que a maioria desses estudantes possui filhos e são responsáveis por mantê-los. Poucos são naturais da capital mineira, a grande maioria é oriunda de cidades do interior de Minas Gerais. Foi constatado pelas respostas do questionário que a maioria dos estudantes que responderam se assumiram como negros e assim mostra a

necessidade de um plano de ação que vá ao encontro desse público tão diversificado que está na EJA.

Quadro 1- Perfil dos estudantes

Estudante	Gênero	Etnia Cor	Idade	Estado civil	Tem filhos	Escolaridade
E1	Feminino	Negro	44	solteira	sim -4	Já frequentou, mas parou.
E2	Masculino	Branco	82	casado	Sim -6	Frequentou bem pouco.
E3	Feminino	Negro	47	Separada	Sim -2	Frequentou bem pouco.
E4	Masculino	Pardo	28	Solteiro	Não	Já frequentou, mas parou.
E5	Feminino	Negra	40	Solteira	Sim -3	Já frequentou, mas parou.
E6	Masculino	Parda	22	Solteiro	Não	Já frequentou, mas parou.
E7	Feminino	Parda	49	casada	Sim -3	Já frequentou, mas parou.
E8	Masculino	Parda	33	Solteiro	Não	Frequentou bem pouco.
E9	Masculino	Branca	24	Solteiro	Não	Frequentou bem pouco.
E10	Masculino	Branca	55	casado	Sim -3	Já frequentou, mas parou.
E11	Feminino	Parda	47	casada	sim -4	Já frequentou, mas parou.
E12	Masculino	Negra	77	Viúvo	Sim -1	Já frequentou, mas parou.
E13	Feminino	Negra	33	Vive com companheiro	sim -4	Nunca frequentou escola.
E14	Feminino	Negra	80	casada	Sim-8	Nunca frequentou escola.
E15	Feminino	Parda	49	Viúva	Sim -6	Nunca frequentou escola.
E16	Feminino	Negra	52	casada	Sim -2	Já frequentou, mas parou.
E17	Feminino	Negra	59	Solteira	Sim -1	Já frequentou, mas parou.
E18	Masculino	Negra	58	Divorciado	Sim -1	Frequentou bem pouco.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 2 – Perfil da turma

Estudante	Município de Nascimento	Trabalha de carteira assinada	Sobre a residência
E1	Padre Paraíso MG	Sim	Alugada
E2	Caratinga MG	Não Aposentado.	Própria
E3	Piranga MG	Não	Própria
E4	Nanuque MG	Não	Alugada
E5	Mascote Bahia	Sim	Em pagamento
E6	Belo Horizonte MG	Não	Própria
E7	Teófilo Otoni MG	Não	Cedida
E8	Belo Horizonte MG	Não	Em pagamento
E9	Belo Horizonte MG	Sim	Própria
E10	Belo Horizonte MG	Sim	Própria
E11	Conceição do Mato Dentro MG	Não	Própria
E12	Dores do Indaiá MG	Não	Própria
E13	Diamantina MG	Não	Cedida
E14	Conselheiro Pena MG	Não	Cedida
E15	Belo Horizonte MG	Sim	Cedida
E16	Governador Valadares MG	Não	Própria
E17	Estrela do Indaiá MG	Sim	Em pagamento
E18	Conceição do Mato Dentro MG	Não	Própria

Fonte: Dados da pesquisa.

Os questionários foram analisados com acompanhamento das leituras, reflexões e interpretações das referências bibliográficas e foi percebido a necessidade da criação de um instrumento de aprendizagem que fosse de acordo com a necessidade da EJA. Como afirmou uma professora “A” “Não há livros didáticos adequados para as turmas de EJA e da mesma maneira a professora B se pronunciou dizendo que “Os alunos conseguem aprender de outras formas, apesar da resistência de alguns acharem que apenas quadro e caderno é que é aula””.

E assim diante das respostas aos questionários entendeu-se que o mais apropriado seria que a EJA fosse vista de forma diferenciada, que na EJA o ensino tem que ser com amplitude, jamais interpretada essa educação como apenas uma conclusão de estudos. E, que a metodologia de ensino deve ser da mais variada possível assim como os conteúdos devem dialogar com a

prática, a funcionalidade e a significância deles na vida individual e social. Foi comprovado pelos relatos que os estudantes da EJA não são mero alunos atrás de tempo perdido e de um histórico escolar. “Como disse o estudante E2” Busco fazer parte da EJA para desenvolver melhor meu trabalho profissional” e o estudante E4 disse que, buscou fazer parte da EJA para aprender mais e fazer um curso”. O estudante E11 disse que veio para EJA pela vontade de crescer, ter uma profissão melhor, formar e fazer faculdade de Enfermagem”. O Estudante E12 disse que “a gente não saber ler é muito humilhado e eu preciso aprender a ler. Ler um livro dá uma alegria”.

Alguns dos envolvidos em EJA deixaram claro que a EJA tem que fazer diferença na vida deles, ou seja, auxiliar na emancipação do mesmo em sociedade. É unânime entre os professores e entre os profissionais que responderam ao questionário que a maior função da EJA é oportunizar a população a sua própria emancipação para a sobrevivência na sociedade assim como conclusão que os saberes necessários para o desenvolvimento da modalidade de ensino EJA, além dos obrigatórios pela base curricular devem ser incluídos saberes da vida. E mais, que o aprendizado ocorre de forma coletiva. “E assim seguiu para a construção então de um instrumento de aprendizagem que fosse capaz de realizar a interdisciplinaridade com as disciplinas obrigatórias dando foco a ‘Cultura Afro-brasileira’ para que contribuísse com o fim do racismo atual.

2.5 Construção do “Jogo cooperativo Rotas de histórias”

A ideia era criar algo estratégico que dialogasse em tempo integral com os sujeitos, na qual o ensino fosse significativo, que os estudantes se vissem nesse instrumento. Algo construído especificamente para EJA e que ajudasse no desenvolvimento e aperfeiçoamento de diversas habilidades e capacidades necessárias para a formação humana e escolar. Algo concreto que fosse a “cara” da EJA, que revigorasse a didática com esse instrumento e que tivesse presente todas as disciplinas obrigatórias para o ensino da EJA e mais que o ensino da cultura afro-brasileira fosse garantido e efetivado como direito e assim uma estratégia de diminuir a prática do racismo.

Diante desse desafio, construir algo versátil e que fosse capaz de verdadeiramente ser algo prático e interdisciplinar no ensino da cultura afro-brasileira para os múltiplos sujeitos “nasce” o Jogo Rota de Histórias que é uma prática de estratégia para o processo de ensino e aprendizagem para EJA, que favorece ao estudante a construção do conhecimento científico, proporcionando a vivência de situações reais e imaginárias, propondo desafios e instigando-o a buscar soluções para as situações que se apresentam durante o jogo, levando-a a raciocinar, trocar ideias e tomar decisões para agir posteriormente na realidade da sociedade com autonomia e emancipação.

O Jogo ‘Rota de Histórias’, um encontro precioso na EJA, foi confeccionado com materiais reciclados. Um tapete virou o tablado. Foi pensando no fundo coberto de tecido de chita, colorido e a parte da frente foi pintado um “Croqui” dos mapas do Brasil e outro do continente africano assim como as rotas que pudessem representar a saída do povo africano obrigatoriamente para o Brasil.

Imagem 1-Confeção do tablado



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPEN.

Imagem 2- Carta do jogo: cinco erros



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPEN.

Imagem 3- Cartas do jogo



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPEM.

Imagem 4 -Tablado



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPEM.

Também foram construídas as bonecas Abayomi com o intuito de levantar a bandeira da resistência do povo negro, associando aos dias atuais e aos diversos acontecimentos assim como os sujeitos da EJA.

Imagem 5- Abayomi



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPEM.

O jogo é dividido por “fase” - fase inicial, fase intermediária e fase final. Essa separação das fases foi necessária para garantir a sequência didática respeitando o nível de tarefas a serem cobradas e a execução com êxito dos estudantes.

O instrumento é um jogo cooperativo desenvolvido para aprender com a ludicidade. Cheio de dinâmicas, pois, os participantes não ficam parados, são convidados a saírem do lugar, a se posicionarem, a trocarem conhecimentos uns com os outros, a contarem suas histórias e a tomarem certas atitudes do jogo como vivência de experiência e aprendizagem para o fortalecimento no dia a dia na sociedade brasileira.

Promove A Cooperação Entre Todos E A Versatilidade De Tarefas E Metodologias Presente No Jogo “Rotas de Histórias” potencializa experiências ao transformar o aprendizado em algo bem envolvente e emocionante. Proporciona aos participantes o conhecimento da verdadeira história do povo brasileiro dando ênfase ao povo negro trazido do grande continente africano para o Brasil.

Esse jogo como instrumento de aprendizagem produzido para EJA coloca a cultura africana no cenário da cultura brasileira como formadora da estrutura e dá o lugar merecido de destaque nos processos históricos de formação humana e estrutural da nação.

Ao entrar na roda cultural proposta pelo jogo “ROTAS DE HISTÓRIAS” os participantes não são meros jogadores, eles constroem conhecimentos, ou seja, é um jogo vivo da sociedade brasileira. Terão oportunidades de descobrirem coisas, desenvolverem habilidades e experimentarão novos pontos de vistas, pois acompanhar o processo rápido de acontecimentos no mundo, torna-se necessárias novas formas de aprender.

Acompanha o jogo o livro “*O que você sabe sobre a África?*” - Uma viagem pela história do continente e dos afro-brasileiros como forma de leituras, aprofundamentos e tira-dúvidas de informações contidas no jogo.

O jogo “Rota de História jamais pode ser visto como um “passa tempo”“. Ele é um instrumento de aprendizagem e estratégico de ensino na EJA que favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral nessa primeira fase além de contribuir no processo da alfabetização despertando o estudante para as diversas leituras verbal e não verbal de mundo.

À medida que acontece a interação na primeira fase, o jogo na fase intermediária torna-se mais dinâmico e mais social. O nível vai subindo de desafios. É trabalhada a atenção, memória, o pensamento lógico juntamente com o raciocínio e na fase final, há possibilidade de reconhecer que aprender pode ser com liberdade e prazer. Depois de ter adquirido informações, ter experimentado o aprendizado com materiais concretos, é hora de confrontar esses conhecimentos adquiridos com a realidade, no meio e no contato com as pessoas e situações atuais do cotidiano. Nessa fase é concluída a importância do conhecimento para a sobrevivência emancipatória no mundo.

Fase inicial

Tarefa 01: Quebra-cabeça de personalidades mundiais negras

Tarefa 02: Continue a canção ...

Tarefa 03: Sensações e lembranças com uso do olfato.

Tarefa 04: Formação de frases a partir do banco de palavras.

Tarefa 05: Contribuições da culinária africana.

Tarefa 06: Jogo da argumentação pela palavra geradora.

Tarefa 07: Jogo de perguntas e respostas.

Tarefa 08: Jogo de perguntas e respostas.

Tarefa 09: Jogo de perguntas e respostas.

Tarefa 10: Jogo de perguntas e respostas.

Fase intermediária

Tarefa 01: Quebra-cabeça de personalidades brasileiras negras

- Tarefa 02: Letras negras. Quem escreveu?
- Tarefa 03: Leitura de imagem. O que representa?
- Tarefa 04: Hora da canção.
- Tarefa 05: Jogo dos cinco erros.
- Tarefa 06: Jogo do soletrando.
- Tarefa 07: Histórias contadas.
- Tarefa 08: Jogo de perguntas e respostas.
- Tarefa 09: Jogo de perguntas e respostas.
- Tarefa 10: Jogo de perguntas e respostas.

Fase final

- Tarefa 01: Quebra-cabeça de personalidades brasileiras negras.
- Tarefa 02: Analise os dados do IBGE.
- Tarefa 03: Reflexões das expressões racistas.
- Tarefa 04: Movimentos artísticos oriundos da África.
- Tarefa 05: Sensações através do tato. Aprendendo com a representatividade de mapas.
- Tarefa 06: Cruzadinha da cultura afro brasileira.
- Tarefa 07: Jogo de perguntas e respostas
- Tarefa 08: Júri Simulado.
- Tarefa 09: Jogo de perguntas e respostas
- Tarefa 10: Jogo de perguntas e respostas

Produção do tablado

Para o Jogo “Rota de História” foi pensado, sonhado e bastante refletido que em toda sua composição fosse de encontro às características dos sujeitos da EJA para que de fato acontecesse posteriormente o “encontro precioso”. Foi refletido sobre mobilidade do tablado, fácil abertura que pudesse ser usado em outros espaços e não somente na sala de aula, pode ser em pátios, quadras.

Foi respeitada a diversidade das cores e o alto relevo para que esse material fosse introduzido na questão da inclusão.

O Jogo ‘Rota de Histórias’ é constituído a partir das diversas leituras e códigos com textos explícitos e não explícitos e assim o estudante teve oportunidade de ampliar o conhecimento nas diferentes situações para garantir sua participação social no mundo. O jogo é organizado em sequência didática que possibilita ao estudante as seguintes capacidades e habilidades:

- Dar importância as diferentes linguagens de aprendizagem como verbal, não verbal, artística e linguagem popular assim como a escolarizada;
- Usar a linguagem na interação, socialização na oralidade e textos escritos de modo que atenda as muitas demandas da sociedade;
- Aprender com o outro, com a história do outro com a capacidade de “ouvir”;
- Aprender a expressar, a se posicionar diante de diferentes situações com acesso a produções culturais;
- Saber como proceder para o acesso ao mundo letrado, à sociedade e todos os bens que são para todos no sistema do poder do Brasil;
- Ser capaz de comunicar no mundo;
- Analisar criticamente a diversas informações;
- Aumentar o vocabulário assim como o conhecimento de diversos gêneros textuais unidos aos temas de combate a qualquer tipo de discriminação especialmente ao racismo, machismo e homofobia.

2.6 Intervenção e avaliação

A aplicação e uso do jogo foram realizados em três dias com duração de três horários para a execução cada dia. Os dias alternados foram necessários para a assimilação do conteúdo trabalho pelo jogo. Para cada fase do jogo foi necessário um dia letivo da EJA. Extremamente prazerosos os encontros preciosos com a EJA para essa aplicação, ocorrida nos dias 05, 06 e 07 de fevereiro de 2019. Inicialmente uma apresentação por parte da professora da rotina, quais passos seriam dados na aula e em seguida o início do jogo.

Imagem 6 - Intervenção



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPER.

Imagem 7- Intervenção



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPER.

Imagem 8 –I ntervenção



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPEN.

Imagem 9 –I ntervenção



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPEN.

Imagem 10 - Intervenção



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPER.

Imagem 11 – Intervenção



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPER.

Imagem 12 - Intervenção



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPEN

Imagem 13 - Intervenção



Fonte: Acervo de fotos da escola EMPEN

A avaliação aconteceu logo após a aplicação da fase final em 07 de fevereiro de 2019. Foi entregue um roteiro na qual os estudantes tiveram oportunidade de se posicionarem e posteriormente ao momento da escrita tiveram oportunidade de socializarem. Nesse roteiro, há questões objetivas e descritivas e os participantes tiveram total liberdade de se posicionarem através da escrita e pela oralidade e assim mostraram o conhecimento prévio e a relevância ao estudar esse tema como disse o estudante E3 em sua avaliação que não sabia nada da história do povo brasileiro. O estudante E5 afirmou que a importância desse instrumento se dá por despertar a memória ao lembrar dos antigos acontecidos.

Sobre a metodologia aplicada, também teve posicionamento dos estudantes como a Estudante E12 disse que, brincaram e aprenderam mais uns com os outros e o estudante E13 que com esse jogo se aprende se divertindo.

Sobre a questão da aquisição dos conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira o estudante E1 disse que aprendeu sobre o racismo, o estudante E3 que com o jogo conheceu mais sobre o povo africano. E estudante E4 achou interessante saber da mistura de sangue. O estudante E7 falou que a vida da gente é uma história e foi como se estivéssemos lá. O estudante E1 disse que conseguiu se ver nas diversas histórias contadas com o jogo porque é negro. O estudante E3 disse que, se viu nas histórias que o jogo proporcionou porque é ser humano.

A maioria dos estudantes respondeu que essa “aula” com uso do jogo “Rota de histórias” deveria acontecer em outras turmas e em outras escolas. O estudante E12 disse que, “Cada dia que estudamos, aprendemos a falar do amor e assim o jogo mostra várias formas de compartilhar o amor”.

Sobre a participação dos estudantes no jogo, todos disseram que a participação foi muito significativa e o estudante E cinco afirmou ainda que se interessou muito e que aprendeu com mais interesse e ficou mais empolgado. E sobre achar que foi importante o uso do jogo para despertar a consciência nas pessoas que existe a necessidade de todos lutarem contra o racismo foi totalizado, ou seja, todos acharam em suas respostas que devem lutar contra os atos de racismo ainda existente no mundo. O estudante E5 fala que “o jogo ensina como a gente se defende contra o racismo”. O estudante E12 disse que, “o jogo é uma forma de chamar a atenção das pessoas para lutarem juntos contra” e por fim uma citação da estudante E7 que, “o racismo é muito triste, mas a gente vende esse jogo”.

No geral foi mais que satisfatório a opinião dos estudantes que durante os três dias participaram das aulas. Alguns estudantes pediram para que fosse repetido esse encontro com o jogo “Rotas de Histórias”.

3. ANÁLISE DO PLANO DE AÇÃO

3.1. Enfim, o que é educação?

Onde de fato há educação? A quem a educação irá servir? Na verdade, a educação existe antes da instituição escolar se apropriar como única fonte de saber. Esteve e estará a serviço do modelo da sociedade específica de onde o sujeito estiver inserido, então, existe na verdade várias “educações” como aponta Brandão (1981), “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela” (p. 07).

Existem redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra. O momento de aprender algo de relevância, não tem lugar ou hora, ou seja, acontece a educação no meio em que as pessoas vivem. A educação inclui o modo como as pessoas vivem, se comunicam e se relacionam está associada a cultura. A educação contribui para as construções de crenças, costumes e especificidades de cada povo. A educação se molda de acordo com as mudanças de hábitos e movimentos culturais estabelecidos pela sociedade. Conforme Brandão (1981):

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos. (BRANDÃO, 1981, p.10)

Importante entender que a educação pode ter dois vieses de um lado propondo a emancipação de sujeitos como pode também reforçar as diferenças sociais e econômicas. É percebido, sentido e visto que a educação é um desses elementos de disputa e sonho, pois através dela até nos dias de hoje os ricos tem educação e os pobres não, pois antes todos tinham educação, transferida através das famílias, de ensinamentos precisos para a prática do viver, agora com o ensinamento mais esquematizado, planejado passa existir a divisão dos que tem oportunidade e os “tantos” outros que não a têm. Nesse sentido, os pobres aprendem a ler e a escrever e já estão “prontos” para o mercado de trabalho, enquanto o lugar dos “pensantes” é destinado aos ricos, que possuem um longo período para estudar e dominar o conhecimento.

Com o tempo essa educação elitizada deixa de ser relíquia para poucos, passa a ser uma questão de direito público com intervenção do Estado. É refletida a educação que não serve a

todos, e ela será interpretada de acordo com os moldes e interesses da parte dos que dominam a sociedade e assim aponta que a educação não é para todos, pois, não é interessante que todos se emancipem, que todos sejam pensantes e todos sejam sujeitos autônomos, Freire (2018,p.72) situa que “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na terra organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando assim, sua convivência com o regime opressor”.

A educação é uma prática, uma ação onde as pessoas recebem a educação para aprender a conviver e sobressair na sociedade. Pela escolha do modelo de educação será também a escola da sociedade e logo de pessoas. Mas não uma única sociedade, no mundo há diversas sociedades, diversos grupos dos mais variados possíveis e assim será a existência da educação. E quando essas sociedades se misturam há um choque cultural seja positivo ou negativo.

O termo educação carrega um peso grande de resolver o problema da sociedade e a EJA entra como garantia de direitos à educação para todos, portanto, deve refletir e buscar mobilização uma vez que a educação ainda é usada como arma de controle e a educação para todos deve ser cobrada, recriada, com a liberdade de expressão inserção dos diversos movimentos de inclusão das minorias de cada sociedade e todos devem mobilizar para que a mesma educação chegue para os moradores dos condomínios de luxo fechados, seja a mesma que chegue nos morros e aglomerados.

Que o acesso à materialidade de qualidade seja usado nas escolas públicas e particulares. Essa mobilização não pode ficar só nos pensamentos, em sonhos, então colocar a EJA como Educação significativa e de qualidade é dever de todos e criar mecanismo que a história seja contada abre possibilidades como Freire (2018) aponta, “a compreensão da história como possibilidades e não determinismo... seria ininteligível sem o sonho, assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e, por isso, o nega” (p. 128).

É necessário principalmente aos que atuam na Educação de Jovens e Adultos sair de “velhas” teorias, das suas verdades e abrir entendimento da verdadeira educação. Será que existe a verdadeira educação? Indagar o próprio eu real das ideias e das definições construídas já anteriormente, buscar a inovação nas práticas pedagógicas, assim como a afetividade nas relações será um movimento de luta para que a sociedade deixe de ser tão injusta e desigual, que pare de garantir os interesses políticos e econômicos daqueles que se beneficiam com essa injustiça, as corrupções presentes até hoje.

A EJA é uma modalidade do ensino. Regulamentada e amparada legalmente. Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 208, assegura a educação de jovens e adultos como um direito de todos: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia

do Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

Apesar da lei, durante muitos anos foram negados o ensino para os adultos, jovens e idosos deixando-os sempre a margens e não garantindo oportunidade como o ensino noturno. Somente diante de muitas lutas e mobilizações que foi criado e aberto às turmas de ensino noturno e agora EJA. Quando se avalia a Educação de Jovens Adultos historicamente e o objetivo para sua criação, percebemos que esta buscava qualificar as pessoas como mão de obra barata para o mercado de trabalho. Não havia no horizonte a proposta de uma educação emancipatória. Esse nome Educação de Jovens e Adultos (EJA) veio posteriormente aos antigos nomes como “Mobral”, “Ensino Noturno” e “Ensino Supletivo” e esse ensino de suplência representava uma espécie de recuperação de estudos.

Hoje, torna-se necessário a busca por estratégias de aprendizagem que ultrapassem a aprendizagem do ler e do escrever. Com certeza a leitura assim como a escrita ocupam um lugar de destaque no campo de estratégias para aprender, mas não basta ler por ler. É necessário o entendimento do que está lendo, então ao ler de forma interpretativa o estudante necessita ser capaz de organizar os códigos gráficos da escrita unificando com a conexão mental e isso exige concentração, conhecimento prévio da grafia e seleção das informações e a EJA tem todos os requisitos de ser uma modalidade de oportunidades de desenvolvimento das habilidades e competências, pois, são essenciais para a emancipação e sucesso na vida pessoal e social.

Na Educação de Jovens e Adultos o sujeito acaba tendo uma vivência social e isso vem combatendo a exclusão dessas pessoas na escola e na sociedade. E, assim, como diz Freire (2006, p.103) “Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições e para participar coletivamente da construção do saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. E o professor de EJA tem uma grande importância nesse processo como afirma Freire (2006), “o professor tem o dever de reviver de renascer a cada momento de sua prática docente para que os conteúdos que ensino sejam algo vivo”. (p. 103).

A Constituição Brasileira de 1988 estipula a Educação como direito de todos. O processo de conquista do direito à Educação foi longo com muitos desafios e obstáculos. Para usufruir o direito à Educação, os sujeitos da EJA tiveram que fazer história, tiveram que se reinventarem se inserirem na sociedade como resistência para garantir sua existência.

3.2. Existência, Resistência e Caminhos da EJA em Belo Horizonte.

Belo Horizonte se destaca pela abertura da EJA em quase todas as escolas. Entretanto, a luta continua. Não basta abrir a escola, há uma necessidade de firmamento das políticas públicas direcionadas para a Educação de Jovens e Adultos. Nas escolas da rede municipal, o estudante precisa ter quinze anos para o ingresso na EJA no ensino fundamental e dezoito anos para o ingresso na EJA no ensino médio conforme estipulado da LDB.

Os sujeitos que fazem parte da atual EJA são os mais variados possíveis e a idade é um dos destaques para essa diversidade: jovens, adultos e idosos convivem na mesma sala de aula e com os mais diversos sonhos.

A prefeitura de Belo Horizonte, em parceria da UFMG com a efetivação do LASEB reforçou a necessidade de cada vez mais proporcionar os professores momentos de reflexão, especialização e em 2018/2019 é a primeira vez que a EJA é contemplada. Grande pensador Freire (2006) reforça essa necessidade quando diz “Por esta razão estou convencida de que uma das mais importantes tarefas em que a formação permanente dos educadores deverá centrar seria convidá-los a pensar criticamente sobre o que fazem” (p. 123). E por meio do LASEB, principalmente, com a ACPP, o professor tem a oportunidade de aprender, reforçar e multiplicar conhecimentos em EJA.

Os rumos que a EJA na cidade Belo Horizontina tomou nos últimos tempos é motivo de orgulho e esperança, mas, ainda há muito que se fazer. No geral são cento e setenta e oito escolas municipais e dessas escolas cento e sete é ofertada a Educação de Jovens e Adultos, esperamos que essa modalidade de ensino esteja presente em todas as escolas num curto tempo. É na EJA que muitos dos sujeitos envolvidos adquirem sua emancipação na vida. É preciso abrir nossas almas para entender que a EJA representa o resgate de cidadania de muitos brasileiros, entender também que o governo tem uma grande dívida com seu povo.

Em Belo Horizonte, nas formações, reuniões pedagógicas nos cursos oferecidos pela SMED (Secretaria de educação) pouco se percebeu a presença das leituras de Paulo Freire, na verdade existe uma grande necessidade da “força” do pensamento desse escritor, pois há nos diversos pensamentos dele a oportunidade de refletir a teoria e a prática em Educação de Jovens e Adultos. Especificamente no trabalho da alfabetização de jovens e adultos ele indica o tanto que se ganha no aspecto da cidadania diante do modelo de alfabetização que se aplica. E considera a importância de acabar com o analfabetismo para que o sujeito consiga fazer parte dos diversos movimentos coletivos da sociedade. Nesse sentido Freire (2006) afirma:

O analfabeto, principalmente o que vive nas grandes cidades sabe, mais do que ninguém, qual a importância de saber ler e escrever, para a sua vida como um todo, no entanto, não podemos alimentar a ilusão de que o fato de saber ler e escrever, por si só, vá contribuir para alterar as condições de moradia, comida e mesmo de trabalho. Essas condições só vão ser alteradas pelas lutas coletivas dos trabalhadores por mudança estrutural da sociedade. (FREIRE, 2006, p.70)

Os caminhos da EJA em Belo Horizonte devem estar atrelados ao reconhecimento de todas as diferenças e cada escola que ofereça essa modalidade deve ter o currículo regional indo ao encontro de seus estudantes para, assim, concretizar-se a verdadeira escola da diversidade e emancipatória.

3.3. A memória como elemento interdisciplinar na EJA

São diversos os significados dados para o termo memória no universo da escrita, investigações e interpretações. No contexto aqui dialogado, retrato os seguintes significados: Faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço e, Lembrança. (Dicionário Aurélio).

A capacidade de memorização se faz diferente de ser humano para ser humano, ou seja, não se pode abrir comparações de um sujeito com outro pela “boa memória” ou não. A conservação da memória depende da vida de cada indivíduo levada ao longo dos anos ou mesmo com a performance do cérebro humano. Essa diferenciação abre o pressuposto da existência de vários tipos de memórias que me apego aos dois tipos: Memória de curto e longo prazo. Memória de Curto Prazo (MCP): Capaz de armazenar informações por períodos um pouco mais longos, mas também de capacidade relativamente limitada (MINAS GERAIS, 2017). Memória de Longo Prazo (MLP): Capaz de estocar informações durante períodos muito longos, talvez até indefinidamente. (MINAS GERAIS, 2017)

O entendimento de que o conhecimento se faz por meio de uma organização mental e se armazena pela memória, torna-se essencial dizer que a memória é um elemento fundamental para todo processo educativo. Durante as atividades escolares, as propostas pedagógicas requerem o funcionamento da memória, sendo um elemento ser considerado na Educação de Jovens e Adultos.

A memória como um elemento natural dos indivíduos pode favorecer ou não o processo de aprendizado. Quando o sujeito está ativo, a memória guarda, retém conhecimentos e armazenar informações é importantíssimo para a construção do conhecimento. Muitas vezes

alguns sujeitos não conseguem armazenar novos conhecimentos, ficam presos às vivências de algo apreendido há tempos. Percebe-se também a memória “cheia” de pensamentos que gastam a energia e não trazem benefícios. Então, para que os estudantes da EJA tenham êxito no processo de aprendizado torna-se necessário o estímulo da memória para que ela seja ativada de forma positiva e assim, torna-se aliada ao processo de aprendizagem para a Educação de Jovens e Adultos.

Na EJA são comuns falas ou expressões tais como: “Minha memória é curta”, Não estou conseguindo lembrar nada do que estudei ontem? Estou esquecida (o) demais das coisas. Segundo Izquierdo (2013), “a gente tem coloquialmente o hábito de chamar de esquecido a tudo aquilo que não conseguimos nos lembrar na hora. Na verdade, as lembranças não foram esquecidas, estão na memória e precisam ser evocadas” (p. 04). Nas turmas de EJA, algo que é corriqueiro, principalmente, com a turma dos idosos são as lembranças que as pessoas querem apagar que ficam “perturbando” o processo de aprendizagem, fazendo se presente a todo instante. E assim como diz Izquierdo (2013), “sabe-se que o esquecimento é tão importante quanto a própria preservação da memória, e que sem uma justa medida para a atenção ou descarte das informações acessadas a vida se tornaria insuportável e a própria capacidade de memória seria prejudicada” (p.02).

São diversos os problemas vividos pelos estudantes que chegam à EJA. Depois de um longo dia de trabalho, envolvimento com conflitos familiares algo precisa ser feito na prática educativa para fazer com que os estudantes esqueçam essas lembranças “ruins” para que na memória possa existir um espaço de oportunidades para novas aprendizagens. Também é necessário em algum momento do processo de ensino e aprendizagem a extinção de “coisas” armazenadas na memória que criam a baixa estima desses sujeitos.

A recordação seria a evocação da memória e deve ser usada para “gravar” sentimentos positivos aos estudantes e pode ser feito de diversas maneiras na EJA com práticas interdisciplinares, como através dos sentidos. Segundo Izquierdo (2013), “durante a gravação há, e a maioria das memórias tem um forte componente visual no ser humano. O ser humano é visual. Nós formamos mais memória com componentes visuais que com outros sentidos” (p. 02). Introduzir o trabalho com os sentidos humanos na prática educativa é sem dúvida trabalhar com a memória. “Cada vez que lembramos é incrível, mas o cérebro faz um inventario também nas memórias visuais ou olfativas” (IDEM, p. 02).

Um dos fatores que favorece a perda da memória é o estresse. E a EJA necessita ser um lugar que trabalha esse estresse, que retira o estado emocional alterado, ou seja, que acolhe, logo um espaço de aprendizagens prazerosas significativas, nesse campo entra a prática da

extinção, na prática interdisciplinar diferenciada há espaço para trabalhar a extinção da memória que acaba sendo importante. Como explica Izquierdo (2013)

uma pessoa que sofreu um trauma geralmente se lembra demasiadamente do trauma, então o tratamento consiste em fazê-la não se lembrar. E aí se utiliza um procedimento que se chama extinção, na qual se repetem os estímulos da situação que causaram o trauma, mas sem o trauma. Então, a pessoa desassocia os estímulos do trauma e recorda de qualquer outra coisa. (IZQUIERDO, 2013, p. 104)

Uma prática que auxilia na gravação de sensações positivas, que ativa o cérebro humano, que reforça a recordação são as diversas práticas de leitura, seja de textos escritos ou leitura através das “coisas”, as chamadas leituras de mundo com as expressões criativas de vários tipos de “textos”. Assim a luz do autor Izquierdo (2013) afirma que

A leitura é o melhor exercício. Evidência disso é que os membros das duas profissões em que mais se lê por motivos profissionais, que são professor e ator, ou professora ou atriz, são pessoas que têm melhor memória quando velhos. Alguém que estuda, lê todos os dias, pratica a memória todo dia, muita tipos de memórias simultâneas, ele vai ter uma boa memória (IZQUIERDO, 2013, p.07).

Portanto, a EJA necessita considerar as práticas educativas diferenciadas que valorizem o elemento “memória”.

3.4 A ludicidade na EJA

A palavra lúdica, em diversos dicionários existentes na Língua portuguesa brasileira assume o significado de jogo, que visa o divertimento, uma atividade lúdica, uma atividade que busca o prazer. Huizinga (2018) afirma que “o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico, ou um reflexo psicológico. Todo jogo significa alguma coisa” (p. 03) e entender o jogo sendo associado à ludicidade como um processo cultural, de mudanças de determinados povos aos longos dos anos, faz com que seja relevante defender uma prática fundamentada na ludicidade para o ensino de Jovens e Adultos. Huizinga (2018) mais uma vez auxilia no entendimento do jogo como uma prática social, nas palavras do autor, “encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos” (p.04).

A EJA sendo uma modalidade da educação básica não pode se negar ao elemento da ludicidade nos processos de ensino e aprendizagens, pois permite práticas pedagógicas que vão ao encontro de muitos dos objetivos que essa modalidade carrega, como para garantir o conhecimento real e significativo, prazeroso e livre do enquadramento da sociedade capitalista que visa o lucro acima de tudo e de todos e a padronização e assim o “jogo” permite que sujeito se sinta livre, cria possibilidade de ações e estratégias. Então, inserir o lúdico no ensino da Educação de Jovens e Adultos é trazer alegrias, risos e autoestima e sentimento de conquista.

É importante que os professores tenham conhecimento do histórico de vidas dos seus estudantes, saibam quem são e quais estão sendo os diversos obstáculos para a frequência na escola. Além disso, é preciso que esse histórico seja considerado no planejamento das ações, pois muitos ficam desestimulados e querem sair a todo o momento devido a dificuldades em acompanhar as aulas padronizadas e segmentadas numa lógica conteudista que não dialoga com sua realidade e necessidade. Trabalhar com o lúdico na EJA vai desde a materialidade, como escolhas de materiais concretos e palpáveis, até a performance do professor que se torna um mediador do conhecimento.

A ludicidade faz com que os sujeitos experimentem, capacitem e tornam-se habilidosos para trocar o conhecimento e retenção dos conteúdos na memória, um momento único, especial que ninguém tira. E assim Huizinga (2018) reforça quando diz que, “mas a sensação de estar separadamente juntos, numa situação excepcional, de partilhar algo importante, afastando-se do resto do mundo e recusando as normas habituais, conserva sua magia para além da duração de cada jogo” (p. 13).

Percebe-se que uma das dificuldades por parte de alguns educadores seria levar a ludicidade para a sala de aula para não ficar infantil. A ludicidade é bem-vinda para qualquer idade e sempre esteve presente na formação cultural dos povos. A autoestima, o estímulo e a motivação precisam ser parceiros da prática de ensino. Prática humanizadora, divertida e de qualidade faz a pessoa voltar para a escola, faz com que os indivíduos querem estar na escola. E mais, faz com que os sujeitos da diversidade presentes na EJA criem estratégias para o jogo de ensino no momento de sala de aula que, posteriormente será usado na sociedade real, no enfrentamento das diversas dificuldades para ser sempre resistência. Luden (2018) diz que:

O que é ganhar, e o que é realmente ganhar? Ganhar significa manifestar sua superioridade num determinado jogo. Contudo, a prova desta superioridade tem a tendência para conferir o vencedor uma aparecida de superioridade em geral. Ele ganha alguma coisa, mas do que apenas o jogo enquanto tal. Ganha estima, conquista honraria e estas honrarias e estima imediatamente concorrem para o benefício do grupo ao qual o vencedor pertence. Jogamos ou competimos por alguma coisa. O objetivo pelo qual jogamos e competimos é antes de tudo e principalmente a vitória, mas a vitória é acompanhada de diversas maneiras de aproveitá-las. (LUDEN, 2018, p.13)

Tudo tem que ter significado e o lúdico cria a associação da experimentação no fictício (momento lúdico do jogo), seria uma experiência de representar a sociedade na qual esses estudantes estão inseridos para executar posteriormente na sociedade. É necessário a alegria, prazer e o riso para que a mente fique leve e assim ocorra o aprendizado. A descontração não é sinônimo de desorganização, pelo contrário, ajuda na interação com o outro, no raciocínio-lógico, estimula criatividade, ou seja, torna-se auxiliar do desenvolvimento de diversas

capacidades e habilidades tão importante para o aprendizado. Um dos objetivos do jogo seria experimentar algo dentro da ludicidade, talvez do imaginário para adquirir capacidades e habilidades e assim atuar na própria vida. Assim, Luden (2018) contribui:

A função do jogo, nas formas mais elevadas que aqui nos interessam, pode de maneira geral ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nele encontramos: uma luta por alguma coisa, ou a representação de alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a representar uma luta, ou então se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa. (LUDEN, 2018, p.13)

A ludicidade estimula os estudantes a saírem do lugar de submissão, cria o movimento, cria consciência da existência das possibilidades, levanta-se a autoestima, possibilita o desenvolvimento social, condiciona a criação dentro de si de elementos importantes para viver e atuar em sociedade, principalmente na questão do movimento de luta pelos direitos e dignidade humana.

3.5 O ensino da cultura afro-brasileira na EJA

A reflexão sobre África e a cultura afro brasileira é um estudo necessário e base da Educação de Jovens e Adultos. Além disso, ela está em sintonia com o cumprimento da lei 10.639/2003, em que são propostas discussões, reflexões e ensinamentos relativos à cultura afro-brasileira, tais como elaboração de materiais didáticos, realização de eventos culturais e escolares sobre essa cultura. No entanto, apesar da lei, a consolidação desses conteúdos na educação ainda não foi alcançada, como aponta Santos (2000):

Moral da história: 500 anos de culpa, ano de desculpa. Mas as desculpas vêm apenas de um ator histórico do jogo do poder, a Igreja Católica! O próprio presidente da República considera-se quitado porque nomeou um bravo general negro a sua casa militar e uma notável mulher negra para a casa cultural. Ele se esqueceu de que falta nomear todos os negros para a casa brasileira. (SANTOS, 2000, p.04)

É necessário que o estudo da cultura afro brasileira seja visto como algo valioso e uma rica história de cultura. Ainda hoje, estudar a história da África assim como o povo africano e a diversidade brasileira é um processo educativo desafiador e de resistência. Paraíso (2016) mostra que, “resistir demanda liberar a vida lá onde ela é prisioneira, onde quer que ela seja pioneira. Liberar a vida é enfrentar os intoleráveis e dizer do jeito que conseguimos: Basta! Chega! Não suporto mais! Não aceito! Em um currículo é sempre possível dizer basta; é sempre possível” (p. 398).

A escola precisa ser um espaço pedagógico que valoriza a diversidade brasileira, as múltiplas culturas que se misturam e que formam a identidade brasileira e o caminho da transformação da escola atual para a escola da diversidade será os processos educativos, as práticas, as diversas reflexões e ações, tudo deve estar organizado no “currículo” que deve levar em consideração as origens, as diversas histórias e contribuições dos indivíduos, assim, “no campo do currículo temos sabido dizer não: aos currículos nacionais, aos materiais que silenciam culturas que não exercem poder, aos currículos feitos em gabinetes fechados” (PARAISO, 2016, p.406).

Conseguir implantar um currículo que seja capaz de incluir os valores e práticas culturais das pessoas pertencentes à comunidade será de fundamental importância para efetivar o currículo da diversidade, ou seja, o currículo da EJA apesar das constantes negações que tanto o povo negro quanto a EJA vêm sofrendo ao longo dos anos. Porém, a EJA sendo resistência cria mobilização e torna-se potente como aponta Paraíso (2016), “após o não é preciso todo um movimento intensivo que mobiliza agenciamentos potentes para encontrar saídas. Então, após dizer o não a tudo que entristece, desanima e impede o movimento, é preciso seguir e dizer um sim à vida” (p. 406).

Exemplo dessa resistência é o povo negro, pois se sabe que os africanos tiveram sua migração involuntária, forçados a fazerem suas viagens rumo ao Brasil trouxeram consigo as lembranças, os desejos e muito material cultural além da ação e reação. Como aponta Santo (2000), “a individualidade é uma conquista demorada e sofrida, formada de heranças e aquisições culturais, e atitudes aprendidas e inventadas e de forma de agir e reagir, uma construção que, ao mesmo tempo é social, emocional e intelectual” (p. 03).

Quando aqui chegaram tiveram que lidar com o sofrimento corporal e espiritual, mas dentro de cada um contemplava os saberes da vida em África, importantíssimos que temos hoje diversas manifestações africanas misturadas a outros materiais culturais pela miscigenação. Saberes da religiosidade, habilidades artísticas, capacidade de renascimento, tecnologia, estratégias de trabalhos.

Santos (2000) diz que

“o fato de que o trabalho do negro tenha sido, desde os inícios da história econômica, essencial à manutenção do bem-estar das classes dominantes” essas pessoas tiveram que se reinventar, se transformarem, sobreviverem por isso, é mais do que justificado a importância desses estudos, através da verdadeira história do passado que pode atuar no presente e alterar o futuro para essa população brasileira que tem sido sinônimo de resistência, pois “às vezes, até parece que o essencial é fugir à questão verdadeira. Ser negro no Brasil o que é? Ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo. Ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá

embaixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta. (SANTOS, 2000, p.02)

Quando pratica o ensino da cultura afro brasileira na EJA assumimos a responsabilidade de fazer uma educação que vai ao encontro dos sujeitos da EJA. É necessário valorizar as práticas que são desenvolvidas, que recuperam a memória e as grandes contribuições oriundas dessa cultura. É necessário acabar com a indiferença que muitos têm com a cultura afro-brasileira e para entender essa diferença, Santos (2000) defende que

trata-se, na realidade, de uma forma de apartheid a brasileira, contra a qual é urgente reagir se realmente desejamos integrar a sociedade brasileira de modo que, num futuro próximo, ser negro no Brasil seja, também, ser plenamente brasileiro no Brasil. (SANTOS, 2000, p.03)

É notório a necessidade de “vitrine” para essa cultura, então se torna necessário à busca cada vez mais pelo conhecimento e reconhecimento e a EJA torna-se palco para que muitas pessoas possam se afirmar e ser reconhecido na existência assim como na resistência do povo negro. Quais são os sujeitos da EJA? São seres humanos de direitos pertencentes à diversidade brasileira que em muitas circunstâncias tem seus direitos violados, negados e apagados e o povo negro faz parte dessa diversidade. Então, a EJA é um espaço de luta e mobilização para a cultura afro-brasileira. Para o Brasil que por muito tempo negou a história do povo negro, que se configurou de forma errada como uma única cultura ocidental tem uma grande dívida com esse povo. Tirar o domínio das mãos de um único grupo elitizado é um dever moral, social e cultural e na EJA com o ensino da cultura afro-brasileira há oportunidade de colocar o povo negro no lugar real e merecido e reestruturar novos significados e sentidos dessa cultura. A consciência negra é uma data ainda não reconhecida como feriado nacional e só terá validade se existir o reconhecimento da existência de uma luta travada contra a negação de importância do povo negro e quando existir de fato mobilização de reivindicações e não apenas como um evento de dança e comida como ainda muitas escolas fazem.

A mudança da Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) pela lei 10639/2003 – que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico raciais para o ensino de História e cultura afro Brasileira engloba estratégias de políticas educacionais voltadas para o respeito e efetivação de uma educação das relações étnico raciais nas escolas e assim a educação com respeito a diversidade deve ser uma das metas da escola.

Apesar da regulamentação da obrigatoriedade do ensino sobre África e da cultura afro-brasileira existe ainda carência de materiais para sua abordagem em sala de aula. Na Educação de Jovens e Adultos existem poucos instrumentos de aprendizagem sobre essa temática que

chegam às escolas para atender a especificidade da EJA. O que se vê são os “buracos”, não se trabalha verdadeiramente como conteúdo. É normal em novembro no dia da consciência negra certa intervenção, mas é notório que o estudo real de África e cultura afro-brasileira não são abordados durante o ano letivo. É fundamental que a EJA se responsabilize em ser um espaço para o ensino de África, do povo africano e da cultura afro brasileira. Pergunto: Haveria Brasil sem África? E essas reflexões são necessárias na EJA que seu público são essas pessoas. Muitos livros didáticos colocavam o negro de forma estereotipadas, ou seja, um saber que humilha que destrói.

Existem muitas pessoas que falam da inexistência do racismo, justificam que as pessoas que não têm seus empregos ou situações melhores no mercado de trabalho se faz pela própria escolha da pessoa e não pela falta de oportunidade ocorrida desde a formação do povo brasileiro. Então é necessário que essa temática tenha espaço para ser abordada, trabalhada e efetivada. Assim como os antigos africanos buscaram renascer e se auto inventar diante de tamanha desigualdade social, os sujeitos da EJA e os professores também devem fazer esse processo.

É preciso tornar visível a população negra, é preciso que ocupemos os espaços que sempre foram negados e um deles é a própria escola. Então os educadores da EJA precisam ficar atentos em criar em suas práticas educacionais visibilidade para todos negros na escola. Há um poder grande por quem está na escola e assim Paraíso (2016) auxilia ao dizer que, “afinal, o professor é profissional que trata da vida, que trata com vidas que só querem viver, vivenciando, sem juízo de valor, suas inquietantes experiências” (p. 406). E ainda reflete que, “Para resistir a tudo isso é necessário deixar de lado a reclamação e o lamento” (IDEM, 2016, p. 406).

É necessário urgentemente que as práticas educacionais da EJA sejam para barrar a discriminação e o racismo e é necessário também que os currículos sejam os que valorizem a diversidade e os múltiplos sujeitos (estudantes), as histórias e memórias e assim criar o senso de pertencimento da escola e da sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os termos abordados nesses trabalhos são tentativas de ser fonte de contribuição para os profissionais envolvidos com a EJA e na produção desse trabalho busquei compreender o que de fato é essa modalidade de ensino EJA, assim como algumas de suas especificidades e seus diversos sujeitos.

Os dados vindos pelas minhas observações, pelos questionários aplicados ao grupo de estudante e ao grupo de profissionais trouxeram elementos para refletir tão especial é essa modalidade de ensino é como precisa ser vista como prioridade pelo governo brasileiro uma vez que, são muitos os brasileiros que ainda estão às margens da escolarização diante de exclusão constante, como mostrou os dados do IBGE apresentados na pesquisa.

Foram discutidos nesse trabalho necessidade da ludicidade assim como a importância da ativação da memória para desenvolver uma prática eficaz no processo de ensino.

Verificou-se que o jogo proporciona uma releitura de mundo trazendo para o processo de ensino e aprendizagem o prazer e os diversos significados. Resgata as alegrias esquecidas diante da correria e o massacre de identidades e falta de oportunidades. Portanto, o jogo deve ser usado como instrumento, recursos de aprendizagem.

A aprendizagem depende de alguns elementos da memória. O armazenamento de informações, conceitos e conteúdos precisam encontrar uma área fértil (memória) para que tenha a aquisição e consolidação e assim o sujeito possa construir conhecimentos.

O trabalho também tinha o intuito de criar estratégias de se trabalhar a cultura afro-brasileira nas disciplinas obrigatórias do currículo. Mostrou que não se trata de uma nova disciplina e sim uma temática que deve ser inserida aos diversos conteúdos para serem trabalhados por todas as disciplinas ao longo de todo o ano letivo.

Pensar, debater temas com profundidade como esse da cultura afro brasileira não foi tarefa fácil, ainda mais quando se trata de um país racista. Mas, pensando no público da EJA que se faz de uma grande parcela do povo negro, como mostrou o questionário aplicado aos estudantes, é de extrema importância o estudo e efetivação de um ensino pautada nessa temática.

O interesse, a curiosidade sobre a própria história fizeram desse momento de fato um encontro precioso com a EJA, não básico, simples, mas de uma grandeza sobre valorização humana e de conhecimentos acerca sobre a própria existência.

Dentre os benefícios alcançados com as ações realizadas destacam a autoestima, o sentimento de pertencimento e de conquista e firmamento tanto dos estudantes quanto da educadora. O cumprimento da Lei 10.639 /03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e Indígena em todas as escolas brasileiras.

Através desse plano de ação, evidenciou-se a necessidade de empenho dos profissionais que atuam na EJA para a efetivação de uma educação de qualidade social. Nesse sentido, desejo dar continuidade a esse trabalho que representa uma forma de mobilização da EJA enquanto espaço de reconhecimento, emancipação e cidadania dos sujeitos. Sendo, também, uma forma de militância contra o racismo através do uso do jogo “Rotas de Histórias”.

A partir da aplicação do jogo evidenciou-se que muitos dos nossos estudantes são negros. Eles, por sua vez, conseguiram associar as diversas histórias e elementos que compõem esse instrumento com sua própria história de vida e assim, fica para nós profissionais da educação a responsabilidade de lutar pelo direito a educação como Freire (2006) diz que:

você, eu e um sem número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmo. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós por sua força a serviço de nossos sonhos. (FREIRE, 2006, p.126)

Enfim, espero que esse plano de ação possa contribuir para o ensino na EJA, pois a Educação de Jovens e Adultos se faz de luta, sonhos e movimentos.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Marcos Evangelista. **Livro didático na Educação de Jovens e Adultos: um estudo sobre a coleção EJA moderna**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Educação e Docência, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Cap. 2.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

_____. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996

BEZERRA, Daniele Borges. SOBRE MEMÓRIA: ENTREVISTA COM IVAN IZQUIERDO. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 4, n. 10, p.1-15. Semestral. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9448/6188>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 4ed. Editora Brasiliense. São Paulo. 1981.

FERREIRA, Aurélio Buarque. **Minidicionário Aurélio**. Parâmetros. São Paulo. 1985.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 65ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MINAS GERAIS, Instituto Pedagógico de Minas. **Introdução às neurociências e a neuro educação**. Belo Horizonte: Ipemig, 2017 42 p.

GONÇALVES, Petronília. **O que você sabe sobre África?** Editora Nova Fronteira. 2017.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: **O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2018

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 2. ed. Curitiba: Ibpx, 2008. 72 p.

PARAISO, Marlucy Alves e Maria Carolina da Silva Caldeira. **Pesquisas sobre Currículos, Gêneros e Sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A CIRANDA DO CURRÍCULO COM GÊNERO, PODER E RESISTÊNCIA. **Currículo Sem Fronteiras**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p.388-415, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 300-301. 07 maio 2000. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br//leitor.do?numero=14608&anchor=581253&pd=55b9418e5d781b44976d6f15d5f538da>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

_____. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE **Plano de Melhoria da Aprendizagem**. Escola Municipal Padre Edeimar Massote. Secretaria Municipal de Educação – SMED. Belo Horizonte. 2015.

_____. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal Padre Edeimar Massote. Belo Horizonte. 2015.

_____. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE **Proposições Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos**. Secretaria Municipal de Educação – SMED. Belo Horizonte. 2016.

SOARES, Verônica. Envelhecimento populacional demanda novas políticas públicas. **Minas Faz Ciência**, Belo Horizonte, mar. 2018. Disponível em: <<http://minasfazciencia.com.br/2018/03/06/envelhecimento-populacional-e-politicas-publicas/>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

ANEXO 1 - Questionário de pesquisa aos professores e técnicos-administrativos

Prezado (a),

No trabalho que desenvolvo para a elaboração do Projeto de Intervenção, preciso obter algumas informações acerca de sua visão sobre o processo de ensino e aprendizagem enquanto sujeito (a) ligada a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tal, solicito a sua colaboração respondendo às questões abaixo.

1) QUAL É A SUA OCUPAÇÃO REFERENTE A EJA?

PROFESSOR(A) PROFISSIONAL QUE PRESTA SERVIÇO A EJA

2) QUAIS MATERIAIS QUE SÃO UTILIZADOS EM SALAS DE AULA QUE VOCÊ ACREDITA SER MAIS EFICAZ NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM?

- LIVROS
 ATIVIDADES EM FOLHAS
 REGISTRO NO QUADRO
 JOGOS (VÍDEOS/FILMES)
 NENHUMA DAS OPÇÕES
 TODAS AS OPÇÕES

3) QUE SABERES SÃO NECESSÁRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA MODALIDADE DE ENSINO EJA?

- OS OBRIGATÓRIOS DA PLATAFORMA CURRICULAR NACIONAL
 ALÉM DOS OBRIGATÓRIOS DA PLATAFORMA CURRICULAR NACIONAL, EM QUE SER INCLUÍDOS SABERES DA VIDA.

4) QUAL A MAIOR FUNÇÃO DA EJA?

- OPORTUNIZAR A POPULAÇÃO A ENTRADA NA ESCOLA.
 FAZER COM QUE A PESSOA CONCLUA SEUS ESTUDOS.
 OPORTUNIZAR A POPULAÇÃO A SUA PRÓPRIA EMANCIPAÇÃO PARA A SOBREVIVÊNCIA NA SOCIEDADE.

5) O APRENDIZADO NA EJA ACONTECE:

- INDIVIDUALMENTE COLETIVAMENTE

6) QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA O APRENDIZADO ACONTECER NA EJA?

7) O QUE VOCÊ ACHA DOS RECURSOS DE APRENDIZAGEM QUE SÃO USADOS ATUALMENTE NA EJA? POR QUÊ?

8) COMO DEFINE A EJA?

9) VOCÊ GOSTA DE ESTAR NA EJA? POR QUÊ?

10) PARA VOCÊ O QUE FALTA NA EJA? (SEJA NOS ASPECTOS, PEDAGÓGICOS, HUMANOS, ADMINISTRATIVOS E FÍSICOS).

ANEXO 2 - Questionário de pesquisa aos estudantes da EJA

Prezado(a),

No trabalho que desenvolvo para elaboração de um projeto de intervenção que será aplicado na EJA da Escola Padre Edeimar Massote, preciso de obter algumas informações acerca de sua visão sobre o processo de ensino e aprendizagem ofertado atualmente na EJA. Para tal, solicito a sua colaboração respondendo as questões abaixo.

1. SEXO: () FEMININO () MASCULINO 2. IDADE? _____

3. ESTADO CIVIL:

- () CASADO
- () SOLTEIRO
- () SEPARADO
- () VIÚVO
- () DIVORCIADO
- () VIVE COM O COMPANHEIRO(A)

4. TEM FILHOS? () SIM () NÃO QUANTOS? _____

5. SOBRE A ESCOLARIDADE:

- () NUNCA FREQUENTOU ESCOLA, PORTANTO É A PRIMEIRA VEZ;
- () FREQUENTOU BEM POUCO;
- () JÁ FREQUENTOU A ESCOLA MAS NÃO PODE CONTINUAR;

6. MUNICÍPIO E ESTADO DE NASCIMENTO: _____

7. ETNIA/RAÇA/COR:

- () AMARELA () BRANCA () INDÍGENA () NEGRA () PARDA

8. DOCUMENTOS QUE POSSUI:

- () IDENTIDADE
- () CERTIDÃO DE NASCIMENTO
- () CPF
- () CARTEIRA DE MOTORISTA
- () TÍTULO DE ELEITOR
- () CARETIRA DE TRABALHO
- () CARTÃO DO SUS

9. TRABALHA DE CARTEIRA ASSINADA: () SIM () NÃO

10. SOBRE SUA RESIDÊNCIA:

- () PRÓPRIA
- () ALUGADA
- () CEDIDA

() EM PAGAMENTO

() NÃO POSSUI RESIDÊNCIA FIXA

11.O QUE MAIS GOSTA NAS AULAS?

12. O QUE PRECISA MELHORAR NAS AULAS?

13.EM ALGUM MOMENTO PENSOU EM PARAR DE ESTUDAR?

14.O QUE O MOTIVOU A PERMANECER?

15.PARA QUE BUSCOU FAZER PARTE DA EJA? E O QUE ESPERA?

ANEXO 3 – Questionário de avaliação do uso do jogo “Rota de Histórias”

Responda a esse questionário dando nota de 1, 2, 3 ou 4 sendo:

- (1) insignificante,
- (2) normal,
- (3) significante
- (4) muito significante.

- 1) Qual importância do Jogo – “Rota de Histórias”?
 Insignificante Normal Significante Muito significante
- 2) Você conseguiu adquirir conhecimentos da Cultura Afro Brasileira através da aula com uso desse Jogo – “Rota de Histórias”?
 Insignificante Normal Significante Muito significante
- 3) Conseguiu ver a associação de vários assuntos que são estudados isoladas pelas disciplinas obrigatórias do atual currículo da escola?
 Insignificante Normal Significante Muito significante
- 4) Você conseguiu se ver nas diversas histórias contadas no “Jogo”, ou seja, se sentiu importante?
 Insignificante Normal Significante Muito significante
- 5) Você acha que deveria ocorrer essa “aula”, ação com uso desse “jogo” em outras turmas, ou até mesmo em outras escolas?
 Insignificante Normal Significante Muito significante
- 6) Como foi sua participação na aula?
 Insignificante Normal Significante Muito significante
- 7) Essa aula com o (Jogo – “Rota de Histórias” - Um Encontro precioso com a EJA te motivou no processo de aprendizagem?
 Insignificante Normal Significante Muito significante
- 8) Essa aula com o (Jogo – “Rota de Histórias” - Um Encontro precioso com a EJA foi importante na consciência da necessidade de todos lutarem contra o racismo?
 Insignificante Normal Significante Muito significante

Você pode escrever algo sobre o Jogo “Rota de Histórias”

ANEXO 4 – Autorização



LASCB
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

Prezada(a) Diretor(a),

Solicitamos sua autorização para que o(a) professor(a)/estudante Elaine Aparecida Pinto do curso de Especialização em Formação de Educadores para Básica da Faculdade de Educação/UFMG, área de concentração Educação de Jovens e Adultos, desenvolva seu projeto de pesquisa nessa instituição, ao longo deste ano.

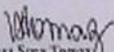
Esclarecemos que este projeto é orientado por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um plano de ação relacionado às temáticas do curso e às questões de interesse das escolas da rede municipal de ensino.

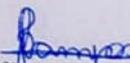
Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos da parceria entre a FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação deste projeto constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

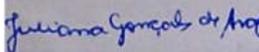
Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos no projeto, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos filhos em atividades e registros.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos sobre este curso e os projetos nele desenvolvidos.

Atenciosamente,


Vanessa Silva Tomaz
Coordenadora Geral do Curso


Joaze Campos - BM 31.205-7
Diretora de Estabelecimento de Ensino
Nomeação DOM: 30/12/2017
CPF: 607.021.096-49



Orientador(a) do trabalho

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-8388
Fax: (31) 3406-5511 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb